

EVOLUÇÃO INDUSTRIAL DO BRASIL (*)

JUREMA S. AROEIRA

(Do Depto. de Horticultura)

Tudo nos leva a crer, nesta importante fase da vida nacional, que o nosso país atravessa um decisivo período de progresso geral. *Decisivo* porque presenciamos, sem dúvida, uma verdadeira revolução no terreno da política e da economia nacionais.

Deixamos para trás um regimen que degenerava para formas altamente nocivas aos interesses da nação. Essa triste fase de confusão e desorganização culminou com a campanha eleitoral de 1937, cuja consequência natural foi o colapso.

Os próprios fatos já têm demonstrado que, apesar de incipiente e ainda com as falhas naturais das organizações novas, o Estado Novo esforça-se por dar ao nosso país um novo estado de coisas: unidade política, disciplina, decência administrativa, justiça social, trabalho. Resultado: confiança, tranquilidade, estímulo e novas esperanças, condições indispensáveis a um trabalho construtivo, capaz de atacar de frente os problemas capitais, de cuja solução dependem o progresso e o engrandecimento do país.

São do eminente presidente Getulio Vargas as seguintes palavras: «Sem intenção crítica, mas apenas a título de referência, pode-se dizer que os homens de Estado, no Brasil, sempre agiram convencidos de que, na solução de determinado problema se encontrava a chave do progresso geral do país. Para alguns, simples questões de orçamento ou de alfabetização extensiva e rápida resolviam tudo; para outros, o segredo estava na política tarifária, enquanto o maior número se apegava a meras fórmulas de organização política. As soluções exigidas pela realidade são, entretanto, múltiplas e não raro condicionadas a fatores variáveis.»

Assim é que, serenados os animos e criado que foi um ambiente propício, pôs o Estado Novo corajosamente mãos à obra, procurando, bem intencionadamente e dentro dos princípios acima enunciados, as sugeridas pela realidade.

Problemas difíceis e de transcendental importância têm sido atacados. Os fatos e não palavras estão a atestá-lo. Dentre

(*) Preleção realizada em Reunião Geral, no dia 2 de Junho de 1942.

eles destacam-se os de natureza econômica e, entre estes, o da industrialização.

Tentarei, nesses poucos minutos que me são concedidos, transmitir-vos uma rápida idéia das relações desse grandioso plano, de incalculável alcance para a nossa economia e cuja finalidade imediata é apoiar em bases sólidas e indispensáveis, a fase de evolução industrial que o país atravessa.

O aforisma de que o Brasil é um país essencialmente agrícola vem, desde algum tempo, perdendo o seu sentido. De fato, os produtos derivados da terra têm constituído a viga mestra da nossa riqueza; as nossas possibilidades agrícolas são simplesmente grandiosas. Por outro lado, enorme é a riqueza do nosso sub-solo. Possuímos todos os mineirais com exceção de dois: vanádio e bórax.

Porisso mesmo seria desconcertante—e até para nós pouco lisonjeiro—que um país tão privilegiado em matérias primas, se conservasse indefinidamente dependente, com relação aos produtos manufaturados.

É de um moderno economista a afirmação de que, a divisão clássica em Estados agrícolas industriais já carece de fundamento, na atual fase econômico-social. O desenvolvimento industrial é, assim, por muitas razões, um dos mais expressivos índices do grau de evolução econômica de um povo, senão de sua civilização.

Se, dentro desse princípio, nos sujeitarmos a uma análise, verificaremos que o Brasil tem, incontestavelmente, crescido. Uma fase de desenvolvimento debil a princípio, seguida por outra mais ou menos normal e, finalmente, a dos nossos dias, que tende para um vigoroso desenvolvimento.

De fato, já não pode o Brasil ser considerado um país *essencialmente* agrícola. Já em 1938 a produção industrial ultrapassava de 20% a agrícola ou seja 12 milhões de contos para a primeira e 10 milhões para a segunda.

Não existem dados sobre a instalação da primeira manufatura no país. Mas é sabido que o primeiro arremesso de indústria textil verificou-se no período colonial. Figurava em primeiros lugares a indústria de tecidos de algodão e fábricas de ferro. Essa indústria nascente foi logo sufocada, por colidir com os interesses da Metrópole.

Com a transferência da Corte Real para o Brasil, em 1808, diversas medidas governamentais vieram dar-lhe novo incentivo. Por ocasião da nossa Independência, o valor da produção industrial brasileira era de 377.000 contos. Somente em 1844 verificaram-se as primeiras medidas do governo visando protegê-la. A consagrada obra de Mauá, nes-

sa época, em matéria de comunicações, foi naturalmente mais um fator favorável ao seu desenvolvimento.

Ainda assim, grandes empecilhos entravavam a marcha da nossa indústria. As cifras abaixo dão-nos uma idéia do seu progresso até 1914:

Ano	Valor da Produção
1889 (ano da República)	507.000 contos
1907	742.000 «
1912	974.722 «
1914	1.527.073 « (quasi o duplo que em 912)

O segundo período de pre-formação industrial iniciou-se, sem dúvida, com o estalar da Grande Guerra. Já naquela época tínhamos a nossa população grandemente aumentada, em virtude das incessantes correntes imigratórias; este fato, aliado à elevação do poder aquisitivo, determinou considerável aumento nas importações. Elas passaram de 490 para 880 mil contos. A guerra veio cortar bruscamente esse intercâmbio. Tornou-se assim imperioso, produzirmos muitos dos artigos até então importados. Vieram alguns anos de improvisação industrial insuficiente e nem sempre bem orientada, porem de grandes efeitos.

De fato, a partir de 914 o nosso parque industrial cresceu progressivamente, até 928, quando a sua produção atingiu 6.430.700 contos. A crise mundial de 929 determinou na mesma nova queda, que se prolongou até 934. Já sob a influência da economia dirigida, verificou-se nova reação favorável. E o valor daquela produção saltou, de 934 a 938, de 6.434.000 para 12 milhões de contos.

Esse aumento de 87% em 4 anos apenas, mostra que a nossa indústria já se acha estabelecida em bases relativamente sólidas. E, segundo um inquérito feito por uma revista estrangeira especializada, 70% dos artigos manufaturados que consumimos, salvo os que exigem uma técnica requintada, são *made in Brasil*.

Em favor deste argumento, mais alguns dados estatísticos interessantes. Países industriais mais importantes, na América: Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil. A produção dos Estados Unidos é, em valor, aproximadamente vinte vezes maior que a de todas as nações latino-americanas. A do Canadá supera ligeiramente esta última.

	Nº de fábricas	Nº de Operários
Estados Unidos	166.800	8.570.000
Brasil	60.000	950.000

Argentina	53.870	700.000
Canadá	24.800	660.000

A superioridade aparente do Brasil e Argentina, com relação ao Canadá, é explicada pelo fato de aqui predominar a indústria ligeira e, naquele país, a pesada. Sendo as condições entre o Brasil e a Argentina bastante semelhantes, admitem comparação. E, nesse caso, a posição do nosso país é de fato satisfatória.

Destacamos, como principais fatores que têm contribuído para entrar o nosso desenvolvimento industrial:

- 1º Ausência de capitais.
- 2º Falta de uma indústria pesada e química.
- 3º Pouca experiência técnica.
- 4º Meios de transportes insuficientes.

Todos estes problemas já foram atacados ou têm tido sua solução favorecida pelas circunstâncias. Vejamos:

Capitais:—Tem sido de grande importância para a nossa indústria a inversão de capitais estrangeiros. Tal inversão provem de duas fontes: 1) Imigração de indústrias com matriz nos países de origem; 2) Êxodo forçado de muitos capitais novos devido à guerra.

A contribuição do capital nacional tem sido menor, não só pela sua carência mas, principalmente, por preferir o brasileiro outros modos de inversão. A educação coletiva muito poderá fazer neste sentido. A Companhia Siderúrgica Nacional é um exemplo: 500 mil contos do seu capital foram cobertos com dinheiro nacional.

Indústria pesada e química:—Esforços já vinham sendo feitos nesse sentido. Em 1926 o Brasil produzia apenas 21 mil toneladas de fundição de alto forno. Em 1939 160.000. A Companhia Siderúrgica Nacional será o coroamento desses esforços. Por outro lado, a partir de 1939, importantes indústrias químicas têm sido instaladas em nosso país.

Experiência técnica:—Contribuiu para o nosso progresso, neste particular: 1) Especialização, no estrangeiro, dos nossos técnicos; 2) importação de especialistas; 3) técnicos e experiência que acompanham as empresas estrangeiras aqui instaladas.

Transportes:—Também este problema tem sido atacado. A estrada Rio-Baía, a reforma de portos, da Central do Brasil e da Vitória-Minas, constituem atestados dignos de fé.

Uma última observação vem nos mostrar, e de maneira expressiva, que a nossa indústria toma rumos decisivos para o seu futuro. Até o presente ela veio se desenvolvendo sa-

tisfatoriamente, porem sempre restrita a certos limites. Dai o seu característico de indústria ligeira, com a predominância de artigos alimentícios, tecidos, vestuários etc..

De alguns anos para cá, no entanto, verificou-se uma pronunciada tendência para a indústria pesada. Em 1920 os artigos alimentícios representavam 40% da produção total, cabendo apenas 3,5% à indústria pesada. Em 1938 os primeiros deceram para 27% ao passo que esta última contribuiu com 9,5%. Isso nos indica que a indústria brasileira se diversifica, orientando-se principalmente para a indústria pesada.

A Grande Siderurgia, que será uma realidade daqui a alguns anos, virá constituir um dos mais importantes capitulos da história da nossa indústria, porque lhe conferirá foros de maioridade. De uma maneira ou de outra já fabricamos navios e aviões. Porque não enxergamos o futuro com otimismo?

Nós, moços, cuja formação tem sido moldada no ideal de um Brasil maior, temos assim fortes razões para vermos robustecidas, a fé e a esperança que depositamos nos destinos da Pátria, porque reais são as possibilidades que a ela reserva o futuro.

Estão a venda os
**ANAIIS DO "2º
CONGRESSO
RIOGRANDENSE
de AGRONOMIA"**

2 VOLUMES * PREÇO SOB
REGISTRO 35\$ * PEDIDOS
DIRÉTAMENTE AO *Sindica-*
to Agronomico * CAIXA
POSTAL 1109 * PORTO ALEGRE